

DISCURSOS E FEMINISMOS EM MOVIMENTO ENTRE A MARCHA MUNDIAL DE MULHERES E O MST

SPEECHES AND FEMINISMS IN MOVEMENT BETWEEN THE WORLD MARCH OF WOMEN AND THE MST

MARIA DA GRAÇA SILVEIRA GOMES DA COSTA¹ E ELISETE SCHWADE²

Recebido em: 15/04/2011

Aprovado em: 26/07/2012

RESUMO

A Marcha Mundial de Mulheres (MMM) é um movimento feminista transnacional que abrange uma grande variedade de discursos e propicia interações entre diferentes grupos e concepções políticas. A cada cinco anos, a MMM organiza uma grande ação internacional para dar visibilidade ao movimento. No ano de 2010, a MMM realizou sua 3ª ação internacional no Brasil, contando com quase 3 mil mulheres que percorreram cerca de 100 km marchando pelo estado de São Paulo. A partir desse evento nos propomos analisar a maneira pela qual os conceitos de gênero dos diferentes grupos são (des)construídos pelo contato e pelas disputas entre os sujeitos nas relações que se desenvolvem no acontecer da Marcha. Trabalhamos com o método da observação participante desenvolvendo entrevistas semi-estruturadas com militantes advindas de movimentos de trabalhadores rurais. A pesquisa nos mostra que a as constantes viagens para eventos de cunho político abrem possibilidades de interação entre militantes feministas urbanas e trabalhadoras rurais, trazendo à tona o diálogo e a reflexão sobre outros arranjos sexuais, familiares e conjugais possíveis. A militância política e o recorrente deslocamento das trabalhadoras rurais envolvem, no entanto, uma série de negociações e embates no domínio privado, mostrando que esse é um fator de discordância entre muitas das militantes e suas famílias. **Palavras-chaves:** Marcha Mundial de Mulheres; Feminismo; Trabalhadoras Rurais; Gênero.

ABSTRACT

The World March of Women (MMM) is a transnational feminist movement that encompasses a wide variety of speeches and encourages interactions between different groups and political conceptions. Every five years, the MMM organizes a great international action to give visibility to the movement. In the year 2010, the MMM held its 3rd international action in Brazil, with nearly 3 thousand women who walked about 100 km marching by the State of São Paulo. From that event we analyze the way in which gender concepts of the different groups are (de)constructed by the contact and by the disputes among the subjects in the relations that are developed during the March. We worked with the method of semi-structured interviews developing participant observation with militants coming from rural workers movements. Research shows us that the frequent trips to political events open possibilities of interaction between urban and rural workers feminists, bringing to the fore the dialogue and reflection on other sexual, marital and family arrangements. The political militancy and the recurring displacement of the rural workers involve, however, a series of negotiations and clashes in private domain, showing that this is a factor of disagreement among many of the militants and their families.

Keywords: World March of Women; Feminism; Rural Workers; Gender.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. E-mail: mariaggomes@gmail.com.

² Professora do departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. E-mail: eliseteschwade@gmail.com.

1 Introdução

Em março de 2010, uma marcha com quase três mil mulheres de todo o Brasil, percorreu a pé cerca de 100 km pelo estado de São Paulo pedindo através de cartazes, faixas e palavras de ordem, pelo fim da violência contra mulher, pela autonomia econômica para as mulheres, por um maior acesso aos bens e serviços públicos, pela paz e desmilitarização, pelo fim da tirania do livre mercado e do patriarcado, entre outras reivindicações. Essa marcha foi o ponto de partida da 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres (MMM) no Brasil.

A MMM surgiu no ano 2000, com uma grande mobilização de mulheres em todo o mundo. A cada cinco anos, a MMM organiza uma grande ação internacional para dar maior visibilidade às suas reivindicações. Nesse meio tempo, a Marcha se articula aos mais de seis mil coletivos de mulheres nos 161 países em que atua (MOND, 2003), além de organizar ações junto a outros movimentos sociais internacionais como a Via Campesina que reúne diversos movimentos camponeses em todo o mundo. A MMM se inspirou na marcha ocorrida no Canadá no ano de 1995, encabeçada pela *Fédération des femmes du Québec* (FFQ), onde 850 mulheres caminharam de Quebec até Montreal protestando contra a pobreza e a violência, pedindo simbolicamente por “Pão e Rosas”.

No ano de 2010, a MMM dividiu sua ação internacional em dois períodos, sendo o primeiro deles, do dia 08 até 18 de março, com várias marchas ao redor do mundo e mobilizações em 51 países. No Brasil a marcha de dez dias saiu da cidade de Campinas chegando até a cidade de São Paulo, com um ato de encerramento em frente ao Estádio do Pacaembu. O segundo período, do dia 7 a 17 de outubro, contou com mobilizações de diferentes formatos, com marchas simultâneas que tiveram como ponto de encontro três países diferentes, escolhidos como base para as mu-

lheres de seus respectivos continentes: a República Democrática do Congo na África, Colômbia na América do Sul e a Turquia na Europa. Segundo Tica Moreno³, integrante da equipe técnica da SOF – Sempre Viva Organização Feminista, organização não-governamental que faz parte da coordenação executiva da MMM no Brasil, a escolha das datas para as ações segue um critério simbólico – dia 08 de março é o dia internacional da mulher e dia 17 de outubro é dia internacional pela erradicação da pobreza – e um critério climático, visto que no mês de março o inverno é muito rigoroso em diversos países, tornando-se impossível marchar. A seleção dos locais também segue requisitos simbólicos e estratégicos – a escolha do Congo e da Colômbia para sediarem a segunda parte da ação de 2010, tem como objetivo chamar atenção para a situação das mulheres dentro de países que sofrem conflito armado.

Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a partir da base e as alianças com movimentos sociais. Por ser um movimento que busca apoio internacional, o seu discurso tenta contemplar o movimento feminista de maneira ampla, declarando-se como um grupo que procura construir uma perspectiva feminista afirmando o direito à autodeterminação das mulheres e a igualdade como base da uma nova sociedade.

Fazem parte desse movimento, portanto, diversos grupos políticos e sociais, nacionais e estrangeiros, entre partidos políticos, organizações não-governamentais, sindicatos, movimentos da sociedade civil e agências financiadoras. Entidades como a Central Única de Trabalhadores (CUT) e Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura (Contag), por exemplo, fazem parte da coordenação executiva da MMM no país.

Diante da abrangência dos movimentos sociais que estiveram presentes

³ Em entrevista concedida ao portal on-line Vi O Mundo. Disponível em <http://www.viomundo.com.br/blog-da-mulher/marcha-mundial-das-mulheres-entenda-porque-precisamos-marchar-aos-milhares.html>

nessa ação, nos chamou atenção o grande número de militantes vindas de movimentos camponeses como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), os já citados Via Campesina e Contag, entre outros.

A nossa participação dentro da Marcha esteve ligada à pesquisa “Produção de novos contextos: gênero e juventude em assentamentos rurais”⁴, o que nos levou a uma observação mais sistemática dos discursos e práticas das mulheres integrantes dos movimentos de trabalhadores rurais (em especial o MST) e de sua relação com militantes de outros movimentos dentro da MMM. Portanto, buscamos considerar neste estudo os diferentes discursos e concepções de gênero advindos de diversos movimentos sociais através de suas militantes e a maneira pela qual esses conceitos são (des)construídos pelo contato e pelas disputas entre os sujeitos nas relações que se desenvolvem no acontecer da Marcha, destacando o diálogo com a militância no MST⁵.

Trabalhamos com o método etnográfico da observação direta e participante, procurando nos inserir em diversos espaços de circulação. Acreditamos que a pesquisa etnográfica é uma interessante ferramenta para entender as construções sociais e subjetivas dentro do contexto estudado, explicitando tessituras e possíveis incongruências entre a prática e os discursos dentro dos movimentos sociais.

Durante o evento, desenvolvemos entrevistas semi-estruturadas com cinco mulheres, sendo duas militantes do MST, uma militante da CPT e do MST, uma militante do Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) e do

MST e uma ex-militante do MST. Todas as falas foram gravadas e procuramos respeitar ao máximo as expressões utilizadas pelas mulheres no processo de transcrição das entrevistas. A escolha das participantes se deu de acordo com a disponibilidade e confiança das mesmas pela pesquisa. *A priori* buscávamos desenvolver uma série de entrevistas semi-estruturadas com mulheres líderes e dirigentes do MST no Nordeste, entretanto, no decorrer da pesquisa, percebemos que a fala de muitas dessas líderes se restringia ao discurso institucional de seus movimentos, enquanto as militantes “de base” mostraram maior liberdade em seus discursos para tratar de assuntos pessoais e até para fazer críticas aos movimentos que integram⁶.

2 O campo da Marcha

Durante a Marcha, nossa rotina era caminhar em média de 10 km pela manhã, enquanto à tarde, ao chegar aos alojamentos, que geralmente era ginásios de esporte ou tendas armadas em grandes terrenos, participávamos de mesas redondas, debates, mostras culturais, enquanto muitos grupos se reuniam para fazer assembleias de seus movimentos, para trocar idéias entre militantes de outros estados ou para discutir planos de ação política, o que fazia com que fosse impossível saber e participar de tudo o que estava acontecendo.

Em geral, acordávamos por volta das 5 da manhã e tínhamos mais ou menos uma hora para que arrumássemos nossa bagagem, tomássemos café da manhã e nos organizássemos em duas fileiras para marchar. O ritmo da marcha era intenso e muitas mulheres não conseguiam completar o trajeto. Nesses casos, havia carros de apoio para que elas fossem levadas à cidade seguinte.

Com exceção do transporte de ba-

⁴ Projeto de pesquisa coordenado por Elisete Schwade, que tem como objeto a análise das relações de gênero e geração em assentamentos rurais. Maria da Graça Costa, responsável pela pesquisa na ação da MMM, atuou como bolsista de IC/CNPq no referido projeto.

⁵ O diálogo de mulheres militantes com referências feministas constituiu-se como um dos objetivos do projeto citado e, no decorrer da pesquisa, foi efetuado um levantamento documental e mapeamento dos grupos que fazem parte desses processos de diálogo.

⁶ Em uma das assembleias do MST dentro da MMM, uma das líderes nacionais do movimento aconselhou que as militantes não dessem entrevistas, e, que se fossem solicitadas a falar, deixasse que a líder de seu estado ou de sua caravana falasse em seu lugar. A única exceção deveria ser no caso de veículos da mídia que fossem aliados ao movimento, como os jornais e revistas de esquerda.

gagens e da montagem de tendas, todo o evento era organizado e coordenado por militantes voluntárias divididas em equipes de segurança, distribuição de água, alimentação, limpeza, organização das bagagens, mídia e saúde.

Acompanhamos de perto a equipe de voluntárias da saúde, que tinham uma grande responsabilidade em mãos, pois o fluxo de mulheres com mal-estar, torções e pressão alta era imenso. Como havia apenas uma militante médica em todo o evento, ela estava constantemente sobrecarregada. Era evitada a distribuição de remédios às militantes, salvo em casos graves. O uso de medicação fitoterápica e de remédios caseiros era incentivado nos panfletos informativos na Marcha.

Curiosamente, notamos nas falas trazidas por muitas militantes, expressões como “mal nos nervos”, “agonia na cabeça”, “estou com nervoso”, para descrever diversos sintomas, o que nos remete ao trabalho de Luiz Fernando Duarte (1986) sobre o uso da categoria *nervoso* pelas classes trabalhadoras para se referirem a uma série de perturbações “físico-morais” associadas, principalmente, à feminilidade e às mulheres por estas estarem mais próximas a “reprodução ‘moral’ da casa” (DUARTE, 1986, p. 180).

Percebemos em nossas entrevistas e em conversas informais durante a Marcha, que muitas militantes se sentiam culpadas por estarem longe de seus lares. Seus filhos e companheiros, por vezes, as responsabilizavam por desarranjos familiares, pela ausência e o não cuidado da casa⁷. Muitas delas mostraram grande aflição ao tocar nesses assuntos. A equipe de saúde da Marcha organizou algumas rodas de conversa e de massagem mútua, para tentar trabalhar certos sintomas e aspectos emocionais que surgiam em muitas mulheres no decorrer do evento. Nesses momentos, assim como na mística, objetivou-

se estimular a ajuda mútua e o companheirismo entre as militantes.

A mística é um ritual político de integração entre os participantes do movimento, visando a reprodução de um capital simbólico e a construção da identidade do sujeito militante (VIEIRA, 2008). Segundo Christine Chaves (2002) a mística é um dos elementos herdados pelo MST das pastorais sociais da Igreja. Hoje, o uso da mística foi disseminado para diversos grupos políticos de esquerda na América Latina, inclusive a MMM. A organização da mística na Marcha ficava a cargo de um movimento ou organização política a cada dia, mas a noção de pertencimento e de reafirmação política da Marcha era reforçada a todo o tempo, através do uso de camisas da MMM, de músicas e de palavras de ordem de cunho feminista.

Como caminhávamos em beira de estradas e em ruas por dentro das cidades, o trânsito local, muitas vezes, tinha de ser interditado, causando engarrafamento e consequentemente a cólera de vários motoristas. Muitos deles, em geral homens, mas também algumas mulheres nos hostilizavam com frequência. No percurso entre a cidade de Louveira e a cidade de Jundiá, um motorista tentou atravessar a Marcha, e, sendo barrado pelas militantes, avançou com o carro para cima das mesmas, no entanto elas conseguiram impedir o homem de causar um acidente e o seguraram no carro até a chegada da polícia. Felizmente, a passagem por dentro das cidades era mais amigável. Muitos moradores saíam de suas casas para nos cumprimentar.

No trajeto entre a cidade de Osasco e a cidade de São Paulo, pegamos o metrô, fechando vários vagões e adicionando ainda mais caos ao caótico cenário da capital paulistana. Ao descermos no bairro do Pacaembu, bairro nobre da zona oeste de São Paulo, o contraste entre os transeuntes habituais da localidade e as militantes da MMM era evidente. Mulheres de toda a capital vieram mostrar seu apoio a Marcha, inflando

⁷Essa espécie de “culpa” é recorrente nas falas de mulheres que residem em assentamentos rurais e foi mencionada em diferentes contextos tais como a participação em cursos, eventos políticos entre outros.

consideravelmente o movimento. Na chegada ao estádio do Pacaembu houve uma grande comoção, centenas de mulheres esperavam a Marcha em frente ao estádio, onde um grande ato foi realizado para comemorar o êxito da ação.

3 Discursos em movimento

Entre os intensos contrastes e debates existentes em um movimento da amplitude da MMM, um dos mais problemáticos é a relação e o entendimento do que é a identidade de gênero por parte de diferentes grupos políticos. Por se tratarem de movimentos de esquerda, que acreditam que o capitalismo gera a desigualdade entre as classes sociais, tanto a MMM como o os movimentos rurais, em especial o MST, compartilham de uma visão do feminismo pautada na idéia de que o capitalismo patriarcal é responsável pela submissão feminina. No entanto, a Marcha é composta de movimentos plurais, que trazem outras problemáticas além da luta de classes para a discussão teórica e política, como no caso das lésbicas e bissexuais, das mulheres indígenas ou das mulheres negras.

No Brasil, a MMM mantém amplo diálogo com o MST e, ainda que as bandeiras oficiais dos movimentos não sejam necessariamente as mesmas, elas se confundem em diversos pontos. Assim, a MMM se coloca contra a “contra a mercantilização do meio ambiente e a privatização dos serviços públicos” (MMM, 2010), da mesma forma que o MST se engaja, cada vez mais, na preservação do meio ambiente e na luta contra a apropriação privada dos recursos naturais.

A MMM tem trabalhado em quatro principais campos de ação: autonomia econômica das mulheres; bem comum e serviços públicos; paz e desmilitarização; violência contra mulheres.

Em seus documentos a MMM enfatiza a luta pela:

A reforma agrária e a promoção da

agroecologia (agricultura orgânica, etc), em oposição à privatização do meio ambiente e a abolição de todas as barreiras que impedem as sociedades camponesas de conservar sementes e trocá-las entre si e com outros países e continentes (MMM, 2010).

No mesmo documento a MMM declara que:

Conflitos relativos a temas do meio ambiente ou a luta por acesso a serviços públicos e de boa qualidade, mobilizam as mulheres pela posição, socialmente construída que ocupamos na sociedade. Somos as principais responsáveis pela alimentação e educação de nossas famílias, pela provisão da água, pelo cuidado dos doentes, pela coleta da lenha que garante que haja energia em casa. O tempo das mulheres é considerado pelos sistemas capitalista e patriarcal como ilimitado e inesgotável (MMM, 2010).

Vemos, portanto, em seu discurso oficial, uma apropriação pela MMM dos conceitos tradicionais relacionados ao feminino e ao trabalho exercido pelas mulheres, relacionados com a questão da soberania alimentar e do cuidado com a natureza, outra bandeira constantemente reafirmada pelo MST. Contudo, ao mesmo tempo em que o movimento reafirma a posição produtiva da mulher camponesa, também defende a “superação pela mulher trabalhadora da divisão sexual do trabalho, a naturalização do trabalho das mulheres na esfera privada, e a valorização do trabalho produtivo sobre o trabalho reprodutivo” (MMM, 2010).

Não obstante os pontos de consenso que unem as mulheres na marcha pode-se perceber algumas divergências, que se explicitam, por exemplo, nos diálogos da MMM com o MST, no que se refere à diversidade sexual e do direito ao corpo pela mulher.

A MMM tem como algumas de suas plataformas de ação:

A descriminalização e legalização do aborto, pelo direito da mulher em decidir sobre os rumos de sua vida e sua sexualidade e lutamos contra a banalização e a mercantilização da sexualidade. (...) Marchamos para denunciar as relações de opressão machistas e patriarcais sobre as mulheres, que são estruturantes do capitalismo que também é racista, lesbofóbico (MMM, 2010).

Entretanto, mesmo o MST não se posicionando oficialmente acerca da questão do aborto e não aprofundando constantemente a questão da sexualidade em seus debates, durante a ação da MMM ficaram evidentes alguns posicionamentos das mulheres do movimento sem-terra a respeito desses assuntos.

Foi-nos relatada uma curiosa manifestação de militantes lésbicas e bissexuais, um dia antes de nossa chegada à ação da MMM, na cidade de Jundiá. Após se sentirem discriminadas por outras militantes ao exercerem sua sexualidade durante a Marcha, vários casais de mulheres fizeram um protesto em frente ao centro educacional onde as participantes da Marcha estavam alojadas. As manifestantes se organizaram em forma de círculo, batucaram, algumas tiraram suas blusas, e, por fim, todas se beijaram.

Durante a Marcha, podemos perceber certo estranhamento em relação às mulheres homossexuais, ao que as mesmas respondiam com batucadas e gritos de guerra como “Sou feminista e sapatão”, chamando atenção das outras militantes para as suas práticas. Esse estranhamento era observável na medida em que alguns grupos se mantinham constantemente distante de outros no decorrer da caminhada, nos alojamentos, nas filas para o café da manhã e principalmente nos momentos de confraternização e lazer. De alguma forma, muitas mulheres pareciam retraídas diante da variedade de opiniões e práticas que ali surgiam, sobretudo as militantes vindas de movimentos políticos e sociais não feministas.

Tal embate nos faz pensar sobre como os próprios movimentos sociais podem atuar de maneira a robustecer um ideário heteronormativo das sexualidades, através de discursos e práticas que reforçam determinados padrões disciplinares e de conduta em detrimento de outros.

Parte das militantes do MST e dos outros movimentos de trabalhadoras rurais se declarou contrária a legalização do aborto, tema tratado em uma mesa de debate do evento. Uma militante do MST vinda do Piauí se colocou contra o aborto, pois ele impediria o “direito divino de ter filho” ela completa dizendo que “criamos nossos filhos para pegar no cabo da enxada”. No entanto, algumas trabalhadoras rurais e da pesca vindas do Rio Grande do Norte se manifestaram a favor de uma discussão mais profunda sobre o tópico, pois segundo elas “o aborto é um assunto de saúde pública”.

Acreditamos, com isso, que esses eventos e encontros políticos possibilitam um importante contato com a alteridade entre essas mulheres. A fala de Sônia⁸, 40 anos, militante do MST em Sergipe, nos pareceu bastante significativa nesse sentido:

A organização da Marcha não é como a organização do movimento [o MST], porque do movimento é diferente, todo mundo é de um movimento só, um pensamento só, um rumo só, uma pauta só. E aqui a gente viu várias pessoas, vários estados, cada um lutando pelo seu objetivo. Aqui a gente tem as lésbicas, fala sobre o aborto que são temas que a gente nunca tocou, então a gente fica meio perdida, sabemos que temos que tocar nesses assuntos agora, a gente vai ter que entrar nesse debate nas nossas áreas, mas quando eu cheguei aqui fiquei meio assustada com as coisas, mas eu aprendi muito, aprendi muito com essa marcha.

É importante ressaltar que grande parte das mulheres que participam do

⁸ Os nomes foram trocados para preservar a identidade das informantes.

MST entrou na militância social através de movimentos eclesiais de base, pautados na Teologia da Libertação, o que reforça a idéia de uma possível reprodução social de padrões tradicionais do pertencimento religioso. Para Chaves (2002) o MST em sua própria estrutura hierárquica, na mística e na imagem do valor do sacrifício, se apropria de um caráter simbólico religioso.

Desde sua fundação em 1984, o MST vem se apresentando como um dos movimentos sociais de maior visibilidade e organização no Brasil. O movimento toma por bandeiras principais a luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade mais igualitária⁹. Para isso, o MST trabalha em diversas frentes, desenvolvendo projetos que visam à conscientização política dos trabalhadores rurais e a formação do “sujeito militante”.

Para Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), os movimentos sociais não estariam apenas restritos a uma ordem econômica ou política, eles se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver as suas existências, trazendo assim, inúmeras possibilidades de desvios e reapropriações.

Perceber códigos disciplinares e discursos presentes nas mulheres do MST constitui uma tentativa de traçar um quadro da identidade militante nos integrantes do movimento. De acordo com Cristiani da Silva (2004), a produção de subjetividade e a subjetivação são dois processos que estão juntos e em luta dentro do Movimento, pois as mulheres e homens militantes, tanto se sujeitam as normas e prescrições presentes nas práticas discursivas do Movimento como também exercem sua liberdade em processos de subjetivação. Assim, parte-se da idéia de que ao mesmo tempo em que há uma infinidade de processos produtores de subjetividade no interior do MST, existem as mais variadas maneiras dos sujeitos cons-

tituírem-se através desses processos e relacionarem-se com eles.

Assim entendemos que no MST, investimentos em busca de uma “sociedade ideal”, de relações “igualitárias”, foram sendo (re)produzidos constituindo devires em um Movimento que se pretende novo e capaz de mudanças.

A inclusão de práticas e discursos em relação à participação feminina dentro do MST foi vital para a consolidação e abrangência do movimento na sociedade, sendo uma preocupação do movimento a participação das mulheres dentro da militância¹⁰.

De acordo com registros em documentos oficiais do MST, a partir do I Congresso de Mulheres do MST em 1996 a discussão sobre gênero e poder passou a ocorrer de maneira mais sistemática dentro do movimento. A posterior inclusão dos homens neste debate, no II Congresso de Mulheres em 1998, e criação do Setor de Gênero em 2000, consolidaram a questão de gênero como uma interlocução importante no funcionamento interno do movimento e em seu diálogo com a sociedade, sendo no IV Congresso Nacional do MST apontada a necessidade de: “Resgatar e implementar em nossas linhas políticas e em todas atividades do MST e na sociedade, a questão de gênero” (MST, 2000).

Porém tal processo se mostra muito mais complexo ao pensarmos a vida cotidiana dos assentamentos. Para Wilmar Gaião (2001) as tecnologias de subjetivação de militantes nos assentamentos se ancoram em um modelo viril, fático, produzindo uma militância masculinizada em seus gestos, posturas e no modo de pensar e sentir a luta pela terra. Recai, aqui, um imaginário social falocêntrico e heteronormatizador (ALBUQUERQUE Jr., 2006) sobre um conjunto social no seu processo de formação política (LEITE, 2008).

Ao falar de sua vida como militante do MST, Eduarda, 40 anos, hoje ex-militante, nos conta que durante sua parti-

⁹ Sobre esse aspecto, ver a dissertação de Elisete Schwade que discute a elaboração do projeto político e de luta fundamentado na igualdade. SCHWADE, E. *A luta não faz parte da vida... é a vida*. UFSC, 1993.

¹⁰ Organização de mulheres e tentativa de integrá-las em todas as esferas do cotidiano da organização e Tdos assentamentos, criando uma interlocução constante acerca do gênero. Ver Schwade, 2010.

cipação dentro do movimento, este tinha grande caráter normatizador. Segundo a entrevistada, nos primeiros congressos do MST as mulheres não podiam usar saias, e deveriam se comportar como homens para serem respeitadas. Para ela: “dentro do movimento se você era solteira você tinha de ser admiradora da direção”.

A mesma entrevistada, entretanto, enfatiza como houve mudanças ao longo dos anos em relação às hierarquias de poder dentro do movimento, em especial nas mulheres que se enxergam dentro de um contexto de militância e tomada de produção.

Ao ser questionada acerca do significado de ser mulher dentro do movimento, Eduarda nos diz que:

Ser mulher é ter postura de mulher, não ser manipulada, namorar quem a gente quisesse namorar e não ter que tietar ninguém, a gente quer uma postura de igualdade, porque eu sou militante e estou servindo a reforma agrária do mesmo jeito.

Nas falas de todas as mulheres entrevistadas está presente a dificuldade de conciliar a vida familiar e conjugal com a militância. Segundo Flávia, 42 anos, militante do MST no RN:

As mulheres dirigentes são as que mais sofrem. (...) A gente sempre vê companheiras que têm relacionamentos emocionais, ficam muito tempo fora, e os homens não estão acostumados com isso, eles estão acostumados à mulher ficar em casa e ele estar no mundo, estar no público. Então pra conciliar o público e o privado é difícil. Agora, na base ainda não tem isso consciente. Há muito ciúme, muita preocupação, é o homem que não quer admitir muito, mas eles têm evoluído muito, alguns mais e outros menos.

Iris, 36 anos, militante da CPT e do MST no RN, sobre seu casamento:

Estamos juntos há vinte anos, mas estamos em crise. Ele arranhou uma

namorada... E também porque ele diz que eu viajo muito, que eu não tenho tempo pra ele e não aceita, não acredita no que eu faço, diz que isso é besteira. Ele não critica abertamente dizendo que eu não vá, mas é que eu sou muito decidida na minha vida.

Ao falar sobre como os seus filhos lidam com a sua participação em movimentos, Sônia nos diz que

Eles [os filhos] dizem que eu só quero estar pelo mundo, que eu não fico em casa, mas eles gostam de ficar mais o pai do que mais eu porque eles dizem que o pai deixa eles fazerem mais as coisas e eu fico mais prestando.

Ivone, 41 anos, militante do MST e do MPA no Rio Grande do Norte (RN), ao ser questionada sobre a opinião de seu marido em relação à sua viagem para a Marcha, nos relata que

Ele [o marido] disse que não tinha pra que eu vir, mas algumas mulheres que moram lá comigo decidiram vir e me chamaram, aí eu decidi vir meio de última hora. Aí ele não gostou muito não.

Tais falas nos abrem um questionamento sobre como a disciplina do corpo feminino, os conflitos familiares gerados a partir da militância e as posturas em relação ao aborto e à sexualidade estão ligadas a uma construção moral baseada em valores tradicionais, e em como essas viagens e participações em eventos políticos na medida em que proporcionam o contato com outras sociabilidades e construções identitárias, causando estranhamento, abrem espaço para a reflexão sobre outras possibilidades de relacionamentos, arranjos familiares e posicionamentos políticos para o cotidiano dessas mulheres e, possivelmente, para o cotidiano dos assentamentos rurais.

Millie Thayer (2001), em seu estudo sobre o movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Sertão em

sua relação com as feministas urbanas e com as agências de financiamento internacional, nos mostra que ao mesmo tempo em que o capitalismo globalizado gera um sistema de exclusão econômica e social, também permite o contato dos sistemas locais com culturas diversas, possibilitando a construção de identidades inclusivas, híbridas, e conseguindo entrar em redes globais de aliados:

Nesse sentido, enquanto a globalização se intensificava, o foco duplo dessa organização de trabalhadoras rurais respondeu às duas faces da própria globalização: os efeitos de exclusão dos fluxos globais de capital e o potencial libertador da migração transnacional de discursos e recursos dos movimentos sociais (THAYER, 2001, p. 111).

Thayer aponta que as trocas entre os movimentos de caráter local e os movimentos transnacionais envolvem relações claras de poder que, no entanto, não se constituem em trocas unilaterais, uma vez que, os grupos locais precisam da tecnologia e capital dos grupos transnacionais, estes necessitam da legitimidade oferecida por aqueles grupos através do acesso às participantes dos movimentos locais, e do conhecimento sobre suas realidades.

Nesse caso, pensando nos grupos de trabalhadoras rurais que se envolvem nas bases dos movimentos, em relação aos discursos trazidos pelo MST em seus cursos e debates em relação à questão de gênero, vemos uma (re)apropriação que essas mulheres fazem desses discursos em relação aquilo que elas vivenciam nas viagens e encontros políticos, principalmente aqueles que apresentam uma maior diversidade como a MMM, para além daquilo que grupos como o MST trazem institucionalmente. Ao mesmo tempo em que essas mulheres passam a discutir novas configurações e possibilidades nas relações de gênero, as especificidades relacionadas à vida rural e à luta pela reforma agrária

são sempre colocadas em pauta, estabelecendo uma relação permanente entre as lutas de gênero e de classe.

4 Considerações finais

A MMM se constitui em um espaço importante para pensar a construção de identidades de gênero, tendo em vista que processo de organização desse movimento ocorre o contato com diversos agentes e diferentes menções vindas de organizações feministas, movimentos sociais e das políticas de militância, as quais se cruzam constantemente com valores associados às práticas camponesas, como parte da cultura de um grande número de suas militantes no Brasil.

Percebemos, através de suas falas, que as mulheres integrantes do MST vêm na solidariedade e na colaboração entre elas e os seus companheiros no movimento, uma forma de garantir a sobrevivência do movimento de trabalhadores rurais como classe social e grupo político que possui grande visibilidade na esfera pública.

Pensando em como as militantes lidam com as constantes viagens para eventos de cunho político, vemos nessa mobilidade um processo de (des)construção de identidades e de novas possibilidades de interação, ao mesmo tempo em que traz à tona o contato e a reflexão sobre outros arranjos sexuais, familiares e conjugais na vida dessas mulheres e, conseqüentemente, para suas esferas locais. Esse processo, no entanto, envolve uma série de negociações e embates no domínio privado, sendo a militância política das mulheres e suas constantes viagens, um fator de discordância entre muitas militantes, seus companheiros e familiares.

Para além dos discursos oficiais dos movimentos, o que percebemos na MMM foi a prática de um feminismo plural, de femininos múltiplos. Com isso acreditamos que esse fluxo de discursos, identidades e práticas observado na MMM traz grande riqueza à prática

e ao debate feminista contemporâneo ao reconhecer na diferença e na alteridade dos indivíduos uma recusa ao pensamento hegemônico e à naturalização das desigualdades de gênero.

Referências

ALBUQUERQUE JR., D. M. Michel Foucault e a Mona Lisa ou Como escrever a história com um sorriso nos lábios. *In* M. Rago e A. Veiga-Netto (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 97 – 107, 2006.

CHAVES, Christine de Alencar. A marcha Nacional dos Sem-Terra. *In* **O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Peirano, Mariza (org.) Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NUAP/ UFRJ, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GAIÃO, Wilmar Roberto. **Negócio de acampar pra pegar terra é pra cabra macho – A construção social do lugar de militância política no MST: Uma discussão de gênero**. Dissertação de mestrado, UFPB: João Pessoa, 2001.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suelly. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LEITE, Jáder. **A militância em movimento: amizade e maquinação de modos de existência no MST**. Tese de doutorado, Natal: UFRN, 2008.

MMM. **Plataforma da 3ª ação internacional da Marcha Mundial de Mulheres**. SOF: São Paulo, 2010. Disponível em www.sof.org.br/acao2010. Acessado em 25 de abril de 2010.

MOND, Nadia de. Construindo

espaços transnacionais a partir dos feminismos. *In* **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, Dezembro, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200021&lng=en&nrm=iso. Acessado em 25 de Setembro de 2010.

MST. **Linhas políticas reafirmadas no IV Congresso Nacional do MST**. Secretaria Nacional do MST: 2000. Disponível em <http://www.mst.org.br/node/7692>. Acessado em 25 de abril de 2010.

SCHWADE, Elisete. Novos Contextos: juventude e gênero em assentamentos rurais. *In* SCHWADE, Elisete e VALLE, Carlos Guilherme (org.). **Processos sociais, cultura e identidades**. Natal: Annablume, 2009.

SILVA, Cristiani Bereta. Relações de gênero e subjetividades no devir do MST. *In*: **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 12, no. 1, Florianópolis, jan/abril, 2004.

THAYER, Millie. Feminismo Transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão. *In*: **Revistas Estudos Feministas**. Vol. 9, no.1, p. 103-130, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000100006&script=sci_arttext Acessado em 13 de setembro de 2010.

VIEIRA, Luiz Carlos. A mística no MST: um ritual político. *In* **Anais do XIII encontro de História Anpuh-Rio**. Rio de Janeiro, 2008.